

Cães excluídos da adoção ganham tratamento vip em SP.

Em vez de chihuahuas fofinhos, a advogada Audrei Feitosa, 39, preferiu acolher Kiko, um vira-lata "grande, velho e com dente todo podre". Ela se autodenomina protetora dos cães fracos e indefesos. Para preservar o título, monitora de seu apartamento, em Higienópolis, no centro de São Paulo, o resgate de animais abandonados.

Quanto mais idade e problemas de saúde, mais o bicho vira "inadotável", diz. Para os rejeitados, ela e uma amiga mantêm, no sítio de um conhecido em Jundiá (58 km de SP), cinco canis "de luxo", com ração premium, cobertores e cuidado veterinário. Juntas, pagam a um "caseiro canino" R\$ 200 por animal. Atualmente, são 30.

A dona de casa Cleide Jacomini, 51, foi além. Aluga, na Freguesia do Ó, uma casa especialmente para dez cachorros recolhidos na rua. Cotidiano, 5 de julho de 2010

O lamento dos excluídos

MOACYR SCLiar

Se encontrasse uma casa destinada a abrigar os desiludidos deste mundo, pediria que o aceitassem

ELE ERA morador de rua e orgulhava-se disso. De família rica, poderia ter sua própria casa e nela viver confortavelmente; mas, como declarava a quem quisesse ouvir, tratava-se de uma opção que era, ao mesmo tempo, existencial e política.

Viver na rua, como excluído voluntário, significava rejeitar a hipócrita conjuntura de que seus pais se beneficiavam; significa protestar contra um status quo caracterizado pela injustiça e pela desigualdade. Era o que repetia nos discursos que constantemente fazia nas praças, nas ruas, nas avenidas.

E que não tinham muito sucesso. Ninguém queria ouvi-lo. Os outros

moradores de rua evitavam-no; não entendiam o que ele falava, ficavam irritados quando ele lhes dizia que não deveriam beber nem usar drogas. "Esse cara é maluco", murmuravam e tratavam de afastar-se.

Ele vivia, pois, sozinho. Ou melhor, viveu sozinho até encontrar o Amigo — o nome que deu a um cachorro vira-latas, magro e sarmento, que, por alguma razão, passou a acompanhá-lo e que parecia ouvir,

muito atento, suas arengas. Nasceu daí uma profunda amizade, a amizade que nunca tivera com ser humano algum. Partilhavam o alimento que ele encontrava no lixo, dormiam juntos sob os viadutos, ele abraçado ao cachorro.

"Nunca me separarei de você, nunca", costumava dizer ao Amigo que parecia retribuir, com o olhar, esta manifestação de carinho.

Mas um dia o Amigo sumiu. De manhã o homem acordou e o cachorro não estava ali. Desesperado, saiu a procurá-lo. Inutilmente: provavelmente alguém, um daqueles moradores de rua que o odiavam, sequestrara o bicho.

Meses se passaram sem que o sofrimento diminuísse. E um dia ele encontrou o Amigo. Estava no jardim de uma casa que, ele descobriu, funcionava como abrigo para cães abandonados. Contentíssimo, gritou, através das grades que cercavam o local: "Aqui, Amigo! Eu vim buscar você, Amigo!"

O cachorro simplesmente ignorou-o. Pior que isso, entrou na casa e desapareceu. Por uma boa meia hora ele ficou ali, desarvorado, sem saber o que fazer. E depois saiu a andar, como sempre, sem rumo. Se naquele momento encontrasse uma casa destinada a abrigar os desiludidos deste mundo, com toda a certeza pediria que o aceitassem.

MOACYR SCLiar escreve nesta coluna, às segundas-feiras, um texto de ficção baseado em notícias publicadas no jornal.

moacyr.scliar@uol.com.br